

Aspectos Históricos da Psicanálise Pós Freudiana

Christian Ingo Lenz Dunker¹

1. O Freudismo

Os últimos dez anos da vida de Freud foram um período conturbado. Não só para a psicanálise mas para a definição do que viria a ser a época em que vivemos. Para o historiador Erich Hobsbawm é neste período do entre guerras (1919-1938) que se delinearão as matrizes de uma nova forma de Estado e de sociedade, bem como um novo modo de capitalismo. É um período de reflexão e balanço crítico sobre os destinos do projeto moderno. Momento no qual a sociedade de massas depara-se com os efeitos de sua progressiva racionalização, controle e administração dos laços humanos e das formas de produção. Tempo em que a cultura passa a ser pensada e distribuída conforme os princípios da organização industrial. Momento onde a noção de indivíduo, como valor e projeto, começa a ser exposta a uma dupla e contraditória exigência. Por um lado a individualização é o lugar onde se realiza a expressão e exercício da liberdade de consciência, diferenciação e autonomia. Indivíduo surge assim como conquistador e soberano da natureza, de seu destino político e de si mesmo. Por outro lado, esta mesma individualização exige adequação, obediência e homogeneização (conferir capítulo 1.2.b). Essa mesma individualização serve a fins segregatórios. A diferença, sexual, étnica e cultural passa a ser objeto de estratégias de domesticação e patologização cada vez mais complexas. Ao final, começa a ficar claro, após a primeira guerra mundial, que a razão não é um valor libertador em si mesmo, que a razão pode ser usada para produzir e gerenciar a barbárie, seja a que se verifica no morticínio tecnológico do exercício administrado da violência, seja a que se observa na sociedade de consumo e suas estratégias de dominação e impessoalização. É neste cenário que a psicanálise encontra um solo fértil para sua difusão cultural.

Após a primeira guerra mundial observa-se o fim de antigos impérios, como o Austro Húngaro, onde Freud se formara. A revolução russa de 1917 e a ascensão

republicana na Alemanha, contribuem para fazer declinar antigos laços aristocráticos e fermentar um novo tipo de nacionalismo. Particularmente nos anos 30 este contexto fez a psicanálise aparecer, de modo substancial, em diversos lugares.

A situação de relativa centralização em torno da figura de Freud, que vigorava até a primeira guerra, cede lugar para a formação de tradições psicanalíticas locais. Budapeste, Londres, Zurique além de Viena e Berlim, tornam-se pontos de referência para uma comunidade de analistas que ultrapassa o laço pessoal e direto com a figura do fundador. Trata-se agora de pequenos grupos às voltas com sua inserção junto à comunidade médico-psiquiátrica, universitária, artística e educacional. Pequenos grupos à procura de sua auto legitimação e reconhecimento no quadro de um movimento psicanalítico cada vez mais extenso e impessoal.

Há uma crescente internacionalização da psicanálise. Em 1920 é criado o *International Journal of Psychoanalysis* que ao lado dos congressos anuais da IPA passa a ser o lugar de confluência da comunidade psicanalítica. Muitos estrangeiros dirigem-se a Viena para análise com Freud. Em inúmeros países, pioneiros passam a traduzir e estudar as obras psicanalíticas. Vários destes mantêm contato epistolar com Freud. Alguns não são sequer clínicos ou analistas praticantes. Este movimento cultural difuso, repleto de aplicações experimentais e contatos com vanguardas estéticas e políticas ficou conhecido como freudismo. Para termos uma idéia da amplitude e heterogeneidade do freudismo, nesta época, basta mencionar que ele podia ser representado por um pastor protestante, interessado em aproximar as idéias da psicanálise com a prática pedagógica, como Oskar Pfister², por um marxista propenso a questionar as condições psíquicas que dificultavam o processo revolucionário, como Wilhelm Reich³, mas também por um crítico de arte que procura estudar a sobredeterminação inconsciente de produções estéticas, como Ernest Kris⁴.

¹ Psicanalista, doutor em Psicologia (USP), professor do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade São Marcos e do Instituto de Psicologia da USP. Autor de *Lacan e a Clínica da Interpretação* (Hacker, 1996) e *O Cálculo Neurótico do Gozo* (Escuta, 2002). chrisdunker@uol.com.br.

² Oskar Pfister (1873-1956) – pastor protestante em Zurique, grande amigo e confidente de Freud, Pfister entendia que a psicanálise poderia favorecer a instalação de uma fé mais autêntica, que seria prejudicada pela presença da neurose. Criticado pela sua clínica heterodoxa tida como muito breve, não médica, de feições junguianas e com finalidade pedagógica Pfister também foi alvo da interpelação institucional religiosa que o via como desviante.

³ Wilhelm Reich (1897-1957) – apaixonado pela obra de Bergson e pelo marxismo, o jovem Reich teve importante papel na construção de uma teoria psicanalítica do caráter e na reflexão sobre o papel da sexualidade no quadro da dominação política. Interessou-se por questões técnicas mas também pela ação direta sobre a “moral sexual civilizada” visando sua transformação. Perseguido, imigra para os EUA onde

O freudismo representa portanto um universo teórico e clínico heterogêneo onde a psicanálise se transforma pela incorporação de novos problemas em novos contextos culturais. Ele representa ainda a assimilação da psicanálise por diferentes visões de mundo e distintas formas ideológicas. Em função disso costuma-se incluir, na noção de freudismo, algumas conexões geopolíticas relativamente estáveis, ou seja, relacionam-se fortemente com a língua, a sociedade e a absorção diferente que a psicanálise encontrou ao longo do mundo. Seis correntes principais do freudismo devem ser mencionadas: Annafreudismo, Kleinismo, Psicologia do Ego, os Independentes, a Psicologia do *Self* e o Lacanismo.

O contexto de formação do freudismo implica considerar que a psicanálise aparecia, já nos anos 1920, como uma disciplina capaz de contribuir para a reflexão sobre os destinos da civilização. A primeira guerra, com seus horrores e insanidades, mostrara que o ideal de racionalização e soberania, que caracterizou as ambições da modernidade desde seus primórdios, não poderia mais ser endossado sem reservas, sem uma revisão crítica do papel do eu e da consciência como centro do indivíduo.

A disseminação cultural da psicanálise, neste contexto, colocava um problema novo para os psicanalistas. Até então a psicanálise podia ser caracterizada como um movimento relativamente marginal, de contra-cultura e crítica dos costumes, que questionava uma série de premissas quanto à moral sexual, quanto à autonomia da consciência e quanto à pureza naturalizada da criança e da mulher. Este movimento tinha dificuldades em ser reconhecido pela comunidade científica da época e estava fortemente associada ao judaísmo. Os primeiros analistas pareciam muito mais preocupados com a pesquisa do inconsciente e com explorações do método clínico do que em consolidar uma doutrina teórica homogênea e fixar um conjunto de procedimentos que definiriam o tratamento analítico e a formação de analistas. Isso explica porque as primeiras cisões no movimento psicanalítico, ocorridas na década de

desenvolve trabalhos visionários em torno do corpo. Sua influência se faz notar nas inúmeras psicoterapias corporais, na psicossomática e na bioenergética.

⁴ Ernst Kris (1900-1956) – inicialmente um historiador da arte e museologista, fez parte da prestimosa escola Vienense de história da arte publicando artigos sobre escultura e joalheria. Aproxima-se da psicanálise através de Marianne Ries, sua esposa, que era psicanalista e íntima no círculo dos Freud. Interessou-se pelo tema da caricatura e da arte em consonância com a teoria psicanalítica da criação e da fantasia. Como psicanalista é mais conhecido pela sua posição como chefe de escola, em Nova York, para onde emigrou em 1940.

1910, foram motivadas por pontos teóricos, mas também pessoais. Jung⁵ critica o dualismo pulsional freudiano e a extensão teórica assumida pelo papel da sexualidade, ao mesmo tempo vive uma controvérsia “transferencial” em torno das expectativas que Freud lhe deposita, como “príncipe da psicanálise” e grande representante não judeu da psicanálise no interior da elite psiquiátrica. Adler⁶, por sua vez, critica o pequeno valor atribuído por Freud ao tema do poder e a dimensão embrionária da teoria psicanalítica da personalidade (ou do caráter), ao mesmo tempo entende que sua teoria do sentimento de inferioridade e da imagem corporal tem sua recepção prejudicada pelo preconceito contra sua pessoa. Ambos, no entanto, estão às voltas com o forte impacto da influência pessoal de Freud. Estas dissensões dão origem a novas teorias, a psicologia analítica e a psicologia do indivíduo, que se apresentam como externas e autônomas à psicanálise.

As tensões da década de 30, ao contrário, traduzem-se em escolas de pensamento que, via de regra, não deixam o campo psicanalítico para tornarem-se teorias independentes, mas integram-se a este campo aumentando sua diversidade. Neste período, por exemplo, é possível discordar de um ponto teórico fundamental, como a pulsão de morte, e mesmo assim integrar o movimento psicanalítico. As polêmicas derivam aqui muito mais da extensão do campo metodológico da psicanálise do que de premissas metapsicológicas⁷. A clínica com crianças, o tratamento de psicóticos e a progressiva ampliação do âmbito de aplicação da psicanálise, por um lado, e o problema da extensa duração das análises, da clarificação de sua técnica e de sua ética, por outro, tornam-se o foco dos debates. Ou seja, é como se houvesse uma abertura teórica, do qual o freudismo é um sintoma, e paralelamente uma preocupação com o fechamento de critérios que definiriam um tratamento como psicanalítico no contexto de sua

⁵ Carl Gustav Jung (1875-1961) foi levado a aproximar-se de Freud em função de seu interesse pela noção de complexo e pela teoria do sonho. Tornou-se rapidamente o “Príncipe Herdeiro” da psicanálise sob quem Freud depositava muitas expectativas. Ocupou posições importantes no movimento psicanalítico, além de contribuir para inúmeros desenvolvimentos teóricos da psicanálise na década de 1910. Conhecedor da filosofia, mitologia e história das religiões procurava uma aproximação entre a psicanálise e a compreensão cultural do homem. Após o rompimento com Freud desenvolve extensa e variada obra teórica e clínica.

⁶ Alfred Adler (1870-1937) – criador da psicologia individual, enfatizava a importância dos laços fraternos e horizontais do grupo familiar em detrimento da relação vertical entre pais e filhos. Estudou com Léon Trotski e defendia uma concepção clínica baseada na compensação e supercompensação da diferença atribuída pelo eu a inferioridade de um órgão corporal sendo, neste sentido, precursor das teorias psicanalíticas de gênero.

⁷ Entende-se por metapsicologia o núcleo teórico da psicanálise onde seus conceitos fundamentais são expostos e criticados de forma tópica, dinâmica e econômica. As noções metapsicológicas mais importantes foram resumidas por Freud entre 1911 e 1916, incluindo as noções de narcisismo, pulsão, inconsciente e recalque.

profissionalização e em contraste com outras formas de psicoterapia e tratamento da alma.

Essa tendência reflete-se, por exemplo, na polêmica entre Ferenczi⁸ e Eitingon⁹ em torno da fixação de critérios para a formação de analistas. Um “mal necessário” tendo em vista a dispersão e a preocupação crescente em legitimar a prática psicanalítica. Ora, é nesta tendência que a consolidação institucional da IPA (*International Psychoanalytical Association*), a partir da década de 1930, transforma seu perfil de uma entidade científica, voltada para a pesquisa, publicação e divulgação das idéias psicanalíticas, em uma entidade normativa, voltada para a delimitação de critérios profissionais e geração de autoridade institucional. A burocratização e a homogeneização formativa acompanham assim a tendência de integração cultural da psicanálise e sua conseqüente normalização.

Essa conjunção aparece muito claramente em torno da Policlínica de Berlim, fundada em 1920. Ela é a primeira escola de formação de analistas, por onde passaram figuras notáveis como Klein, Horney, Deutsch, Strachey, Rado, Alexander, Balint, Fenichel, Loewenstein e Bernfeld. Este modelo clínico e formativo, baseado na análise pessoal, na supervisão e no estudo teórico, será tomado como padrão e exportado para outros centros, principalmente os EUA. Chefiada por Abraham¹⁰ e Eitingon a Policlínica oferece tratamento à comunidade, servindo de clínica escola e centro da Sociedade Psicanalítica de Berlim. Simultaneamente ela é um forte núcleo propagador das idéias psicanalíticas na cultura. Um exemplo disso é o filme *Os Mistérios de uma Alma* (1926), dirigido por W. Pabst, que retrata um tratamento psicanalítico recebendo

⁸ Sandor Ferenczi (1873-1933), nascido na Hungria, dedicou-se amplamente aos problemas da clínica psicanalítica enfatizando suas relações com a medicina e com a cura. Conhecido pelo seu experimentalismo, por vezes visionário, mas sem dúvida criativo, tinha uma visão liberal das associações psicanalíticas tidas por ele como um “mal necessário”. Sua preocupação com a terapêutica levou-o a propor inúmeras alterações no formato tradicional da análise que mais tarde se desdobraram em uma ampla reflexão sobre o enquadre e a transferência.

⁹ Max Eitingon (1881-1943) ocupou papel importante na organização burocrática do movimento psicanalítico. Em que pese seu interesse por uma psicanálise de caráter social e sua militância política no sionismo sua atuação institucional foi fortemente centralizadora.

¹⁰ Karl Abraham (1877-1925) foi colaborador próximo de Freud. Formou-se na escola Suíça de psiquiatria mantendo sempre seus interesses muito próximos da clínica e da psicopatologia. Desenvolveu uma ampla concepção acerca das relações entre quadros clínicos e sua fixação em certos momentos do desenvolvimento da libido e da formação do caráter. Abraham é o ponto de partida para as diversas concepções conhecidas como teoria das relações de objeto, que genericamente se caracterizam pela tentativa de interligar a teoria freudiana das pulsões com uma concepção sobre a formação das estruturas psíquicas. Sua hipótese dominante é de que o objeto contém e se define por um modo de relação, ou posição, que é simultaneamente a chave para a relação com o outro e a forma de regulação para o mundo interno.

supervisão de Hans Sachs na produção do roteiro. Eitingon, em que pese sua posição chave na administração do movimento freudiano, é um ativista do sionismo e está ligado ao marxismo judaico alemão. Abraham é um clínico excepcional, formado na escola de Zurique. Teórico inspirador da **teoria das relações de objeto** tem sobre si a total confiança de Freud. Note-se que a influência da escola psiquiátrica de Zurique, liderada por Bleuler¹¹, fazia a psicanálise opor-se à tradição hegemônica da psiquiatria na Alemanha, que girava em torno de Emil Kraepelin¹². Isso agrava, também no terreno psiquiátrico, o caráter controverso da psicanálise em relação à cultura oficial e aos dispositivos de saúde.

Temos então, em torno da breve experiência da Policlínica de Berlim, uma boa amostra deste período de transição no movimento psicanalítico. Marcado pela efervescência cultural e política, pela originalidade da investigação teórica, mas também em um contexto institucional onde conflitam a produção de um novo saber com a reprodução, controle e fixação do já sabido.

A ingerência de Freud, neste contexto, perde gradualmente sua força. Diante das tensões dos anos 1930 ele procura uma posição de distância e ao mesmo tempo de reforço dos laços pessoais. Exemplo disso é a formação do comitê secreto, integrado por sete discípulos mais próximos. A redação de sua autobiografia, a descoberta do câncer mandibular e a crescente divisão entre aqueles que tem acesso direto e os que tem acesso indireto à figura de Freud começa a se tornar um problema. A psicanálise passa a viver os primeiros problemas decorrentes da convivência entre duas ou mais gerações de psicanalistas.

Outro exemplo da migração do poder de laços pessoais para laços institucionais pode se verificar na polêmica em torno da análise leiga. Em 1926 T. Reik¹³ sofre um

¹¹ Eugen Bleuler (1857-1939) foi o expoente maior da escola psiquiátrica Suíça sediada em Zurique. Com ele estudaram Jung, Abraham, Rorschach e Binswanger. A influência da psicanálise e especialmente das noções de divisão e ambivalência foi decisiva para a descrição de seu achado clínico maior: a esquizofrenia. Bleuler desenvolve uma psiquiatria mais interpretativa e teórica, preocupada com a etiologia. Sua influência se faz notar nas inúmeras correntes psicodinâmicas da psiquiatria contemporânea.

¹² Emil Kraepelin (1856-1926) é considerado um dos fundadores da psiquiatria moderna e da escola alemã de psicopatologia. Seu trabalho está baseado em um forte apelo à descrição e classificação das entidades clínicas. Seu vasto sistema classificatório desenvolvido ao longo das inúmeras edições de seu tratado de psiquiatria permitiu ressaltar a importância da paranóia e da depressão como entidades psicopatológicas autônomas. Sua distinção entre psicoses endógenas e exógenas exerceu forte impacto na psiquiatria contemporânea.

¹³ Theodor Reik (1888-1969), estudou filosofia e letras, sendo um erudito em música e literatura. Trabalhou como editor e clínico, sendo admirado e protegido por Freud que lhe dedicou o artigo sobre a Análise Leiga (1925). Reik é acusado de exercício ilegal da profissão e charlatanismo e mesmo depois de

processo porque pratica a psicanálise apesar de não ser médico. Freud escreve um texto em sua defesa mas também em defesa genérica da formação não especificamente médica para os analistas. Apesar desta recomendação explícita e pública, tal indicação não foi seguida nos EUA e em outros países, como a França, foi aceita com dificuldades consideráveis. No Brasil, houve divergências em relação à sua aceitação, como será explicitada no item 5.3.

2. As Escolas Psicanalíticas no Entre-Guerras

Como vimos a partir de 1920 há uma gradativa consolidação das tradições psicanalíticas locais, que começam a responder ao problema de sua assimilação à cultura e à produção de um saber teórico, bem como das práticas em torno do tratamento.

Uma questão teórica emergente neste período diz respeito ao complexo de Édipo. Seu caráter universal, sua incidência diferencial na mulher e a origem da angústia, presente no complexo de castração, acabam por gerar uma intensa polêmica que se ramifica em inúmeros desdobramentos. A universalidade da experiência edipiana, (contestada por dados etnográficos colhidos por Malinowski¹⁴) a relação entre a pulsão e as estruturas psíquicas edipianas (contestada pela crítica do naturalismo contido na idéia de pulsão) além da importância das experiências pré-edipianas (contestada pela precariedade da teoria freudiana do narcisismo e da origem do eu) mobilizaram os psicanalistas em três direções.

A escola húngara, liderada por Ferenczi e Roheim, tendeu a procurar o elemento comum relativizando o objeto sob o qual recai o tabu da proibição do incesto. Em

imigrar para os EUA não consegue se integrar aos circuitos psicanalíticos por não ser médico. Freud faz a defesa pública e explícita de do brilhante trabalho clínico e teórico de Reik, que introduz a noção de “terceiro ouvido” e o tema da atmosfera no tratamento analítico. Apesar disso a tendência segregativa, baseada na lógica corporativa e na reserva de mercado e não em argumentos formativos, científicos ou técnicos cobrou a sua força causando dificuldades a Reik até o fim de sua vida..

¹⁴ Bronislaw Malinowski (1858-1942), antropólogo polonês publicou em 1932 a *Vida Sexual dos Selvagens*, onde analisa as relações entre sexualidade e cultura. Mostrou que entre os habitantes das ilhas Trobriand, (localizadas no sul do oceano Pacífico) havia ampla liberdade sexual, ausência de castidade pré-nupcial e tolerância à fidelidade conjugal. Em tal sociedade matrilinear havia negação da paternidade social, o que fazia admitir como prática corrente relações que seriam consideradas como incestuosas para

algumas culturas, por exemplo, o elemento interdito pode ser o tio e não o pai. Paralelamente a universalidade da interdição poderia ser justificada antropológicamente, isto é, experiências comuns na história da espécie humana estariam na origem da universalidade do complexo edípico. O grupo húngaro, desde a origem, se caracterizou por uma dupla preocupação, por um lado com a exigência clínica de abreviar o sofrimento dos pacientes e por outro por uma tendência à procura de uma raiz universal das experiências nas quais a psicanálise se baseava teoricamente. Cabe lembrar que a escola húngara herda aqui uma antiga preocupação dos psicanalistas vienenses em torno de uma teoria geral do simbolismo inconsciente, que poderia se extrair da convergência entre as formas simbólicas do sonho, do folclore e do mito, bem como pela afinidade entre o pensamento infantil, o mágico e certas produções da psicose. Essa combinação resultou em uma grande originalidade clínica, da qual as experiências em torno da neocatarse, da análise mútua e da análise do caráter são um bom testemunho. Todas estas experiências com a técnica psicanalítica visavam ou a introdução de um papel mais ativo do lado do analista ou a retirada do paciente de um lugar de excessiva passividade, obediência e subserviência. A neocatarse procurava resgatar a importância da vivência efetiva dos afetos na experiência analítica, contra a demasiada intelectualização preconizada pela técnica padrão. A análise mútua permitia que, mais ao final do tratamento, analista e analisante “trocassem de posições” fazendo o analista contar suas próprias confidências e dificuldades ao analisante, produzindo assim uma imagem mais “humana” de si mesmo, o que favoreceria a dissolução da relação de dependência, eventualmente deixada pelo tratamento. A análise do caráter visava a abordagem de questões que não eram objeto direto de queixa do paciente, mas que poderiam ser consideradas sérios limitantes de sua vida relacional e de sua experiência intersubjetiva. Neste caso o analista deveria introduzir, ativamente, a análise destas questões. Infelizmente as condições políticas na Hungria acabam por contribuir para o declínio desta escola após 1920.

O argumento dos alemães, que inclui aqui os vienenses, os suíços e os berlinenses, em torno do problema representado pelo Édipo é ligeiramente distinto. Aqui a universalidade do complexo edípico poderia ser deduzida da constância e regularidade com a qual os quadros clínicos distintos apresentam semelhantes

a mentalidade ocidental cristã. Opunha-se assim, tais descobertas à universalidade do tabu do incesto, pleiteada por Freud e abria-se o amplo debate entre a psicanálise e o relativismo cultural.

disposições em termos de regressão, fixação e conformação do caráter. Ou seja, é da psicopatologia psicanalítica, pensada como disposição mais ou menos constante da relação entre os objetos, que se poderia postular, de forma coerente ao relato clínico, a pertinência da hipótese edipiana. A regularidade da experiência edipiana não depende tanto de uma constante cultural, mas da homologia entre certas formas de organização da libido, momentos de articulação do eu e pontos de fixação-regressão. Isso permite justificar associações, por exemplo, entre a neurose obsessiva com a fase anal secundária, da paranóia com a fase anal primária, ou da histeria com a fase fálica primária, como postulava Abraham. Isso também lança como programa a investigação do processo de construção do eu (Federn¹⁵), e de delimitação das formas de simbolização específicas de cada momento de sua formação. É, portanto, no quadro de uma teoria do funcionamento mental, pensado com ênfase nas vicissitudes da pulsão e da formação de seus objetos, que a escola alemã permanecerá mais fiel aos desenvolvimentos freudianos da década de 1920.

A terceira posição levou a problemática edipiana para a valorização das condições da experiência pré-edipiana como forma de justificar sua universalidade. Trata-se aqui de integrar a hipótese freudiana a uma psicologia do desenvolvimento e da formação da personalidade. Foi justamente nesta vertente que se desenvolveram, particularmente em solo britânico, as maiores objeções à centralidade do complexo edipiano. O trauma do nascimento, proposto por Otto Rank¹⁶, em 1923, como matriz de toda angústia, as relações primárias entre o bebê e sua mãe (Klein) e os estados iniciais da formação do eu (Fairbain¹⁷) tornam-se se assim questões cruciais nesta nova apreensão do complexo edipiano. Ou seja, é possível delinear, diante das vicissitudes do eu e da conformação da libido, a forma típica de enfrentamento e solução do

¹⁵ Paul Federn (1871-1950) foi discípulo muito próximo de Freud, pertencendo ao grupo Vienense desde seus primórdios notabilizou-se pelo reconhecimento teórico da distinção entre ego e self apresentando uma fina caracterização clínica das afecções do *self*, principalmente enfocando seu estilo próprio de simbolização onírica e sua forma transferencial, que posteriormente tornaram-se o ponto de partida para a psicanálise americana.

¹⁶ Otto Rank (1884-1939) partidário de uma flexibilização da técnica psicanalítica com vistas a redução do tempo de tratamento, destaca-se por seu trabalho com forte base na mitologia e na análise do simbolismo na cultura. Sua hipótese sobre a origem da angústia no trauma do nascimento tornou-se um divisor de águas para a psicanálise na década de 1920 principalmente pela valorização dos temas ligados ao materno e feminino. Em 1926 rompe com Freud e emigra para os EUA e França onde desenvolve um trabalho isolado mas não exterior à psicanálise.

¹⁷ Ronald Fairbain (1889-1964) psiquiatra e psicanalista escocês, foi um dos primeiros teóricos da teoria das relações de objeto a propor um desenvolvimento independente entre o eu e o objeto, postulando uma forma original do desdobramento de suas relações.

complexo edípiano. De certa maneira a teoria das relações de objeto que se delineia aqui enfocará privilegiadamente, não os objetos, mas as formas de relação entre eles. A projeção, a introjeção e a identificação precedem, e de certa forma instituem, os objetos da pulsão e do narcisismo, e não o contrário.

É no quadro desta tríplice controvérsia que podemos entender outro tema ascendente nos anos 1930: a psicanálise com crianças. Note-se que a investigação do período pré-edípiano, envolvendo o problema da formação do caráter e da constituição do eu está imerso no debate acima mencionado. O papel da agressividade e a aceitação do conceito de pulsão de morte formam parte neste mesmo quadro, mas parecem se opor à posição anterior. Finalmente o tema da universalidade edípiana, fundado nas fantasias constitutivas da civilização, é contrabalançado pela relatividade das formas de criação, de ternura e cuidado dispensados às crianças.

À medida que cresce a migração de psicanalistas, ligados à escola alemã, para a Inglaterra acentua-se a tendência a recuar os elementos edípianos para as experiências infantis primárias. As angústias básicas, as defesas primitivas e as fantasias em curso nos primeiros meses de vida justificam o tratamento precoce. Isso redundava em um tipo de clínica com crianças onde as principais inovações referem-se à técnica do brincar, mas sem qualquer abismo qualitativo entre o psiquismo adulto e infantil.

Inversamente, cresce sobre os vienenses e demais psicanalistas continentais, principalmente alemães, holandeses e franceses a influência de Anna Freud¹⁸. Entre estes se afirma a importância do eu e sua formação na criança e o tema da defesa contra a pulsão em sua esfera própria de simbolização e conflito. Assim a capacidade de estabelecer transferência, que é condição para a análise, depende da efetuação do recalçamento edípiano e este depende de uma certa maturação para que o conflito se estabeleça como tal. Há então uma diferença substancial da análise de adultos e crianças. Esta última deve ser efetuada em integração com o processo educativo.

Em 1927, Anna Freud, ainda em Viena, publica *Introdução à técnica da análise de crianças* e Melanie Klein¹⁹, recém chegada à Londres, responde com a comunicação

¹⁸ Anna Freud (1895-1982) filha, discípula e analisante de Sigmund Freud. Coube a ela e seu grupo gerir o espólio editorial e institucional freudiano. Dedicou-se ao desenvolvimento da noção de mecanismo de defesa contra a angústia em um esforço classificatório e organizativo da teoria de Freud. Trabalhou sobre as relações entre psicanálise e educação. Emigrou para a Inglaterra onde tornou-se referência central para a ortodoxia freudiana.

¹⁹ Melanie Klein (1882-1960) pioneira da psicanálise com crianças desenvolve uma teorização original baseada na importância das experiências e fantasias primitivas da criança. Concebeu a presença de

sobre os *Estágios precoces do conflito edipiano*. É um ano em que a divergência se torna clara. Cabe mencionar a ligeira diferença de implantação cultural que atravessa este debate. Enquanto o grupo inglês desenvolve-se em um ambiente eminentemente médico, a escola annafreudiana prospera em interlocução com a educação e com a psiquiatria mais convencional. Dois marcos sugestivos podem ser mencionados aqui: a fundação Clínica Tavistock em Londres realizada em 1920 e a fundação da primeira pré-escola inspirada na psicanálise, ocorrida em Moscou em 1931.

Se em torno das circunstâncias que antecedem a entrada no Édipo vemos se desenrolar uma contenda de amplas repercussões clínicas, políticas e teóricas, no extremo oposto do complexo vemos surgir um problema bastante simétrico. Trata-se da controvérsia em torno da sexualidade feminina. Em juízo está a natureza mesma do falo, ou o estatuto da angústia da perda do pênis por ocasião do complexo de castração. A teoria freudiana da feminilidade dava margem à confirmação de certas asserções culturalmente discutíveis. A passividade da mulher, a presença de um superego frágil e principalmente sua organização psíquica em torno da inveja do pênis (*Penisneid*) parecia confirmar e justificar cientificamente uma diferença inaceitável. Ou seja, traduzia diferenças sociais em termos de poder em diferenças anatômicas naturalizadas.

Ernest Jones²⁰, o grande biógrafo de Freud, foi o organizador do sentido londrino da diáspora psicanalítica, ou seja, permitiu e facilitou a vinda para a Inglaterra de inúmeros psicanalistas que fugiam da perseguição política e da hostilidade generalizada que sofriam no continente europeu por parte do nazismo ascendente. Jones assume posição no debate sobre a sexualidade feminina seguindo a mesma estratégia kleiniana, ou seja, postulando a experiência da perda do desejo (afânise) em substituição à perda do pênis e ao mesmo tempo recuando esta experiência para um momento pré-edipiano.

estruturas edípicas como o eu e o superego logo no primeiro ano de vida. Inscreve-se no quadro da teoria das relações de objeto com sua contribuição fundamental em torno das noções de posição depressiva e posição esquizo-paranoide.

²⁰ Ernest Jones (1879-1958) pioneiro do historicismo psicanalítico, articulador e mediador das tensões tanto no interior da Sociedade Britânica de Psicanálise quanto entre os subgrupos formados no continente. Conservador, pragmático e racionalista opôs-se fortemente à “esquerda psicanalítica” tanto teoricamente como no plano associativo. Colaborador próximo de Freud dedicou-se ao tema do simbolismo e da angústia.

Na vertente continental Heléne Deutsch²¹, Joan Riviere e Karen Horney²² tomarão partido da existência de um momento primariamente bissexual na construção do eu, enfatizando que a variedade dos modos de criação, que confluem para esta formação, justificariam uma ampla revisão da teoria da castração, que ficaria assim submetida a uma concepção de eu. O problema da sexualidade feminina deveria ser assim revisto à luz da formação da identidade feminina em uma perspectiva crítica ao universo falocêntrico, patriarcal e machista.

A estas controvérsias, que marcam a história da psicanálise entre guerras, deve se acrescentar às dificuldades e implicações que a comunidade psicanalítica, eminentemente judaica, enfrenta neste momento de ascensão do nazismo. O processo de arianização da psicanálise na Alemanha é um motivo impulsionador de uma primeira onda de emigração, cujo destino preferencial é Londres. Os compromissos assumidos na Alemanha, com o objetivo de “salvar” a psicanálise, ao preço político de sua arianização, compõe um capítulo que não pode deixar de ser mencionado na história da psicanálise. Também na então chamada União Soviética um processo público de julgamento será levado a cabo terminando por extinguir a promissora e florescente comunidade psicanalítica local.

No quadro do freudismo não foram poucos os que procuraram conciliar as teses psicanalíticas com as de Marx. Tal movimento difuso ficou conhecido como freudo-marxismo, que compreendeu autores como Reich, Otto Fenichel²³ e Siegfried Bernfeld²⁴. Ou seja autores que em matéria metapsicológica estão bastante distantes mas que encontravam uma afinidade comum neste projeto de transformação social.

²¹ Helene Deutsch (1884-1982) teve uma formação psiquiátrica com os grandes expoentes de sua época. Juntou-se ao grupo de Freud em 1918 e notabilizou-se por seus estudos sobre a sexualidade feminina, nos quais se alinhava à tese da libido única masculina, ao lado de Maria Bonaparte e Ruth Mack-Brunswik.

²² Karen Horney (1885-1952) fez sua formação em Berlim, com Karl Abraham. Foi a primeira a criticar as raízes masculinas da teoria psicanalítica e a tentar uma concepção alternativa da feminilidade que considerasse o papel historicamente constituído da mulher. Emigra para os EUA onde lidera e agrega o movimento culturalista.

²³ Otto Fenichel (1897-1946) é amplamente conhecido por seu livro sobre *O Tratamento Psicanalítico das Neuroses* (1945) que foi, para várias gerações, o texto básico de teoria da técnica psicanalítica funcionando também como suma psicopatológica. Apesar de sua obra ser absorvida aos institutos de formação sua posição como teórico sempre mostrou independência, criticando o conservadorismo de Ernest Jones, o biologismo psicanalítico e o culturalismo de ocasião.

²⁴ Siegfried Bernfeld (1892-1953) chegou à psicanálise à partir da pedagogia de Maria Montessori e tinha interesse em levar a psicanálise para as questões sociais. Um dos primeiros psicanalistas a se interessar pela história da psicanálise mantinha uma posição crítica quanto aos modelos de formação de analistas. Foi também um grande teórico da interpretação, intuindo a complexidade histórica e clínica que se ligava a este tema.

Outro marco desta aproximação entre a psicanálise e o pensamento social crítico pode ser apontado pela instalação, em 1929, da Sociedade Psicanalítica de Frankfurt, tendo Erich Fromm²⁵ à sua frente, tal grupo realizava suas atividades no interior do Instituto de Pesquisas Sociais (Escola de Frankfurt²⁶) acabando por deixar influências conceituais importantes nessa corrente de pensamento sociológico. Uma terceira fonte de aproximação entre a psicanálise e movimentos sociais de esquerda pode ser assinalada se atentamos para a incorporação da psicanálise ao programa estético do surrealismo de esquerda. O surrealismo via na histeria “a maior descoberta política do século” e encontrava na associação livre e na noção de inconsciente conceitos potencialmente críticos para uma nova e subversiva experiência da realidade. O autor dos *Manifestos Surrealistas*, André Breton (ligado ao marxismo francês) e também Salvador Dali (conhecido por seu conservadorismo político) tiveram encontros com Freud e procuraram na psicanálise inspiração para inúmeras de suas concepções estéticas.

3. A Psicanálise no Pós Guerra

A segunda guerra mundial teve efeitos devastadores sobre a incipiente comunidade psicanalítica. Vários psicanalistas, tais como Bruno Bettelheim²⁷, bem como suas famílias, são enviados aos campos de concentração. Outros tantos são perseguidos. Sob a égide do pensamento de Freud, cujas obras eram queimadas em praça pública pelos nazistas, inicia-se um movimento em massa de emigração e fuga. Elizabeth Roudinesco, salientou que há duas condições necessárias para a implantação da psicanálise em uma dada cultura: (1) a constituição de um saber psiquiátrico capaz de

²⁵ E. Fromm (1900-1980) formado em Filosofia fez sua formação em Berlim e migrou para os E.U.A. posteriormente. Ligou-se aos teóricos da escola de Frankfurt e à esquerda freudiana. Preocupou-se com o problema da liberdade em Psicanálise e com o relativismo cultural de seus conceitos metapsicológicos, criticando ainda o tratamento como uma forma de adaptação social.

²⁶ A Escola de Frankfurt congrega um conjunto de pensadores tais como Horkheimer, Marcuse e Adorno que dedicaram-se à análise crítica da cultura no quadro de uma reflexão sobre o sentido da modernidade. Partindo de premissas históricas e dialéticas constituem um movimento com amplas repercussões nas ciências humanas, na estética e na teoria da sociedade.

²⁷ Bruno Bettelheim (1903-1990) criador da Escola Ortogênica de Chicago, que dirigiu por mais de 30 anos, dirigida ao tratamento do autismo. Passou por campos de concentração, durante a segunda guerra mundial, experiência que o levou posteriormente a teorizar sobre a noção de situação limite e sobre o problema da sobrevivência psíquica. No Brasil é bastante conhecido por sua obra sobre a interpretação psicanalítica dos contos de fada.

separar o sofrimento psíquico da idéia de possessão divina ou demoníaca e (2) a existência de um estado de direito, possível de garantir a livre associação e a associação livre. Os territórios ocupados, da Hungria, da Áustria, da Holanda além da própria Alemanha tornam-se refratários à psicanálise pois neles violava-se a segunda condição.

A operação internacional para tirar Freud de Viena e levá-lo à Londres, onde este morreria em 1939, marca uma mudança do eixo de gravidade no universo psicanalítico. O destino preferencial destes exilados é os EUA e a Inglaterra. A guerra contribuiu para uma dispersão dos psicanalistas pelo mundo. Vários países, como Austrália, Argentina e Brasil, que careciam de analistas praticantes, recebiam agora seus pioneiros de segunda geração.

Esta movimentação está marcada pelo problema da assimilação. Em um novo país, com costumes e práticas intelectuais e científicas muito diferentes daqueles que vigoravam na Europa central nos primórdios da psicanálise, surge uma tendência a conciliar as idéias psicanalíticas com outros saberes, como o da psiquiatria, e com outras práticas, como a psicoterapia. Como em qualquer processo de imigração coloca-se também, como alternativa estratégica, o fechamento em uma pequena comunidade que procura manter-se de modo autônomo preservando, radicalizando os costumes nativos e valorizando sua origem comum. Em circunstâncias como essas é compreensível que a retomada de referências simbólicas torne-se objeto de esforço permanente. Neste quadro vemos surgir, por exemplo, a construção do personagem Freud, a partir da biografia elaborada por Ernest Jones, mas também de seu médico pessoal Max Schur. Por trás da construção da história oficial da psicanálise corria o problema da legitimidade e definição da prática analítica. A tendência legitimista ao fechamento se expressa na regulamentação cada vez mais estrita da formação do psicanalista, cujo produto institucional mais expressivo é a figura do analista didata. O analista didata, categoria adotada pela IPA em 1925, é aquele que se especializa na análise de futuros analistas. Sua origem remonta ao princípio, universalmente aceito, de que para se tornar analista é preciso realizar uma psicanálise. No entanto o cruzamento de interesses profissionais-institucionais e clínico-curativos deu origem à idéia de que a análise didática teria também um sentido seletivo e probatório, o que gerou um ideal de normalização e um controle da experiência que é, até hoje, objeto de inúmeras controvérsias.

Deve-se considerar esta problemática da assimilação e fechamento no quadro de uma grande difusão cultural da psicanálise. O cinema de Hitchcock a Woody Allen, a literatura de Thomas Mann, a filosofia e as artes, bem como a propaganda e até as políticas públicas de saúde são influenciadas pela psicanálise. O desenvolvimento da psiquiatria e da própria psicologia no pós-guerra está intimamente ligado a esta absorção e difusão cultural da psicanálise. Junto com esta assimilação das idéias freudianas encontramos um deslocamento da representação social da psicanálise. Como vimos, anteriormente esta representação ligava-se ao judaísmo e à noção mais genérica de um movimento marginal e de contra-cultura. Agora a psicanálise associa-se cada vez mais a uma prática feita por elites e para elites, sejam elas econômicas ou intelectualmente definidas. Em outras palavras, a racionalização do processo social de produção da psicanálise é consoante a um desencantamento de seus protagonistas efetivos e a uma mitologização de seus personagens fundadores Assim dá-se uma uniformização e normalização que acompanha seu processo de integração social. A virulência contestatória dos primeiros tempos é gradualmente substituída por uma prática conformista e adaptativa.

Uma faceta deste processo pode ser observada na própria compilação e tradução das obras completas de Freud. Organizada e traduzida por James Strachey²⁸ ela é publicada, a partir de 1953, antes em inglês que em alemão. Vários aspectos desta tradução mostram uma propensão para injetar no texto de Freud expressões mais palatáveis para um público científico, expressões menos poéticas mas com maior grau de autoridade retórica. Isso é muito compreensível no contexto em que a psicanálise deve-se justificar como ciência para melhor se estabelecer. Isso, no entanto, dá o tom ideológico da assimilação e fechamento de que falamos anteriormente. *Assimilação* pois o texto torna-se mais persuasivo para psiquiatras e demais autoridades em saúde mental, *fechamento* pois tal tradução determina um certo grau de especialização no domínio de uma terminologia.

Outro bom exemplo desta dupla estratégia pode se ver no caso dos EUA. Consideremos três grupos da psicanálise neste país tendo por sede, respectivamente, Nova York, Chicago e a Califórnia. Em Nova York encontramos uma série de

²⁸ James Strachey (1887-1967) fez parte, juntamente com Virgínia Woolf e John Keynes, do grupo de Bloomsbury, dedicou-se a traduzir a obra de Freud para o inglês mas também escreveu textos de grande repercussão clínica, principalmente sobre a direção do tratamento e o papel crucial do superego na terminação da cura analítica e na interpretação.

psicanalistas ligados, no pré-guerra, ao grupo vienense e alemão. Loewenstein²⁹, Kris, Heinz Hartman³⁰, e Herman Nunberg³¹, por exemplo, propõe uma psicanálise orientada para o eu, com uma preocupação com a transferência e os níveis de acesso à realidade. A importância do conflito, os temas da adaptação e da aliança terapêutica ganham força na medida em que a psicanálise se aproxima de uma experiência de adaptação baseada em um modelo de subjetividade e de realidade, fortemente individualista, do qual a psicanálise devia prestar contas, e em última instância justificar. Nasce aqui a Psicologia do Ego (*Ego Psychology*), corrente do freudismo marcada pela ortodoxia formativa, pela ritualização da técnica e pela influência da psicologia que procura realizar a integração do homem na sociedade sem antes questionar a natureza contraditória desta mesma sociedade. O ego torna-se assim expressão do individualismo. A sua força ou fraqueza é a medida da sua capacidade de acesso à realidade e a sexualidade deixa de ocupar a cena primordial do tratamento.

Ainda em Nova York deve-se registrar a emergência da escola culturalista. Aqui o antigo debate antropológico parece encontrar uma continuidade, principalmente em torno de certas descobertas de Margareth Mead junto aos povos polinésios, e das discussões de Kardiner e Benedict³² acerca da vida sexual e dos costumes conjugais no contexto de diferentes culturas. O principal expoente desta vertente do freudismo é Erik Erikson³³, que acompanhou o desenvolvimento infantil em povos indígenas americanos.

²⁹ Rudolf Loewenstein (1898-1976) formou-se na escola psiquiátrica de Zurique e em Berlim. Entre 1926 e 1942 participa ativamente da implantação do freudismo na França representando sua corrente mais ortodoxa e contrária à análise leiga. Seu interesse teórico dirige-se para a técnica psicanalítica com forte ênfase no tema do eu e das defesas. Sua influência se faz notar na Psicologia do Ego, do qual foi expoente e fundador.

³⁰ Heinz Hartman (1894-1970) foi paciente de Joseph Breuer, formando-se como analista junto à Freud passa um período em Paris e finalmente se notabiliza como chefe de escola em Nova York. Fundador da Psicologia do Ego e editor da revista Estudos Psicanalíticos da Criança, foi presidente da IPA, responsável pela consolidação da ortodoxia clínica e burocratização do modelo formativo.

³¹ Hermann Nunberg (1883-1970) formou-se na psicanálise vienense e imigrou para os EUA onde participou do grupo formador da Psicanálise do Eu. Sua teoria da transferência que reúne a experiência amorosa como condição de acesso à realidade é considerada uma de suas contribuições mais originais.

³² A antropologia comparativa e funcionalista na qual estes autores se enquadram propõe um novo ponto de vista sobre a sexualidade, sobre a maternidade e sobre os modos de criação. Pretende substituir as noções biologizantes da Psicanálise por noções que ligam a personalidade à cultura e à educação, introduzindo a partir disso, a idéia de identidade.

³³ Erik Erikson (1875-1942) aproxima-se da psicanálise através da arte e da educação infantil. Ligado ao grupo de Anna Freud imigra para os EUA onde estuda os costumes dos índios de Dakota. Percebendo que a experiência de desenraizamento e perda de identidade é o motor dos conflitos que encontrou nesta população desenvolve uma concepção na qual o eu é primariamente respondente às transformações sociais Erikson propõe uma teoria da evolução baseada em oito conflitos básicos que comandam a construção do eu e sua identidade. Interessa-se pelo tema do conflito de gerações e pela adolescência, dedicando mais tarde inúmeros trabalhos à chamada psicanálise aplicada.

O culturalismo questiona a noção de universalidade antropológica enfatizando a diferença e o relativismo das culturas procurando extrair da comparação entre os modos da cultura formas específicas de personalidade e de identidade.

Já no núcleo de Chicago, liderado por Alexander³⁴, desenvolveu-se inicialmente uma psicanálise mais integrada à ordem médica, o que se reflete em seus trabalhos pioneiros no campo da psicossomática. Deriva desta tradição, nitidamente mais freudiana, um movimento de reação à Psicologia do Ego. Tal movimento ficou conhecido como *Self Psychology* e não deve ser confundido com a *Ego Psychology*. Para os teóricos do *self* assume importância crucial a teoria do narcisismo. O self não é uma instância psíquica como o eu ou o superego, mas comporta aspectos específicos de relações com objetos psíquicos, como a representação de si através de um auto investimento libidinal.

Contra a psicologia do Ego, que centrava seus desenvolvimentos em torno da neurose, a *Self Psychology* enfatiza os estados limites, as condições *Borderline*, os estados de despersonalização e a importância do estudo da psicose. A condição *borderline* ou seu equivalente francês, os “estados limites”, corresponde a uma organização de personalidade que não se ajusta bem à distinção psicanalítica entre psicose, neurose e perversão. Caracterizada por dificuldades de vinculação que combinam a experiência da fragmentação (esquizoidia) com o sentimento de perseguição (paranóide) a condição limítrofe, como também é traduzida, exigiu e impôs profundas reflexões sobre o manejo tradicional da transferência e a própria caracterização da importância de certos procedimentos da psicanálise, como a interpretação, a empatia e o acolhimento. Temos aqui, mais um exemplo histórico de como as próprias dificuldades e desajustamentos entre o projeto clínico e a experiência efetiva do tratamento, são o maior motor das reformulações internas à psicanálise. Costuma-se associar esta corrente, que se opõe à Psicologia do Ego, ao nome de Heinz Kohut e à sua retomada heterodoxa do papel da empatia na transferência. As inovações

³⁴ Franz Alexander (1891-1964) junto com Otto Fenichel foi um dos grandes divulgadores da psicanálise nos EUA. De espírito empreendedor e apaixonado tentou replicar em solo americano a experiência da Policlínica de Berlim. Seus trabalhos mais conhecidos no campo da psicossomática, especialmente em torno da úlcera duodenal, acabaram se sobrepondo à sua grande erudição e à formação humanística revelada em seus escritos. Sua atitude liberal em termos associativos permitiu o florescimento de iniciativas teóricas originais no seio da Psicanálise americana.

propostas por Kohut³⁵ expressam também uma reação ao formalismo técnico do grupo novaiorquino. Mas além de Kohut, e através desta corrente, se introduzem as obras de Margaret Mahler³⁶ e Otto Kernberg³⁷, que procuram conjugar uma nova teorização sobre o narcisismo com a teoria das relações de objeto.

Na costa leste, principalmente a partir dos movimentos de contestação e experimentação a partir dos anos 1960, a psicanálise reencontrou, de certa forma, sua associação com a efervescência cultural do entre guerras. Liderada por Otto Fenichel, um representante da esquerda freudiana, a psicanálise na Califórnia conviveu com o recrudescimento da questão da análise leiga ao mesmo tempo em que se expunha a um desejo de inovação. Um bom exemplo disso são as pesquisas de René Spitz sobre os desenvolvimentos simbólicos e perceptivos da criança em seus primeiros anos de vida. Entretanto, no conjunto, o produto parece ter sido uma dispersão no interior de teorias psicológicas e psicoterapias vagamente inspiradas na psicanálise que acabaram por diluir seu potencial crítico.

Em todos os casos pode se dizer que a psicanálise nos EUA jamais esteve em posição de questionar o saber instituído, tanto em termos de cientificidade, quanto em termos de legitimação profissional, onde sempre permaneceu problematicamente incluída na psiquiatria ou anodinamente assimilada aos estudos universitários. A questão da análise leiga, neste sentido, só se resolveria muito tardiamente. Do ponto de vista teórico isso se mostrou nas inúmeras tentativas de conciliação e compromisso com as formas clínicas dominantes, de inspiração psiquiátrica, e saberes hegemônicos como a psicologia do desenvolvimento, a antropologia culturalista e a psicometria. O fechamento em inúmeras pequenas associações locais, com sucessivas cisões mostra-se assim correlato da grande dispersão e assimilação cultural. No conjunto, a psicanálise americana não parece ter de fato assimilado a herança dos imigrantes de modo a gerar um sistema de pensamento original capaz de encontrar grande expressão fora das

³⁵ Heinz Kohut (1913-1981) desenvolveu uma nova concepção de eu estreitamente ligada ao tratamento dos transtornos narcísicos e ao tipo de transferência que lhes é peculiar. Nesta concepção as deficiências primitivas na formação do eu levam à formação de um si grandioso e uma imago parental muito idealizada. O tratamento deveria, portanto, permitir uma espécie de reconstrução do narcisismo normal e seu equivalente em termos de autoestima.

³⁶ Margaret Mahler (1897-1985) passa por uma formação annafreudiana, estabelecendo-se, posteriormente em Nova York, dedicou-se ao estudo do autismo e das psicoses da criança. Sua teoria da separação-individuação combina aspectos da psicologia do eu com tese winnicottianas e também com os estudos sobre a formação do eu, realizados por Spitz.

fronteiras do próprio país. Ao mesmo tempo, grande parte desta renúncia a uma referência mais diretamente freudiana, cuja expressão *neofreudismo* parece representar bem, se traduziu em uma psicologia conformista e pragmática. Só mais recentemente a Psicologia do Ego, o Culturalismo e os herdeiros da *Self Psychology* parecem ter entrado em um debate mais ativo com outras comunidades psicanalíticas do mundo. Temos assim um quadro geral de *assimilação*, aos saberes constituídos, e também *fechamento*, nas fronteiras culturais americanas.

O problema da assimilação e fechamento apresentou-se de modo inteiramente diferente no caso da Inglaterra, outro pólo de atração para os psicanalistas imigrados no pós-guerra. Aqui também encontramos a formação de três grupos distintos, mas não separados geograficamente. O grupo formado em torno de Melanie Klein reuniu-se a partir da adesão às teses do último Freud segundo uma tentativa de reinterpretação original. A pulsão de morte, o papel da agressividade e o tema da integração – fragmentação constituíram desenvolvimentos importantes pois levaram à construção de um novo modelo psicopatológico em psicanálise e também a uma reformulação da metapsicologia e da clínica psicanalítica. No conjunto este desenvolvimento ficou conhecido como teoria das relações objetais. Para Klein e seus discípulos mais influentes como Paula Heimann³⁸, Susan Isaacs³⁹ e Bion⁴⁰ trata-se de fortalecer os conceitos mais diretamente ligados à noção de relação ou de interação, já presentes em Freud, tais como identificação, projeção, introjeção e idealização.

O Kleinismo pode ser caracterizado, teoricamente, a partir de sua reinterpretação, em termos objetais, do complexo de Édipo, mas também pela importância conferida à pulsão de morte e à agressividade. No plano clínico destaca-se a importância conferida à angústia e o estilo interpretativo decorrente amplamente

³⁷ Otto Kernberg é um dos autores vivos que mais tem contribuído para a teorização e clínica psicanalítica dos transtornos narcísicos e da condição borderline. Sua concepção situa-se como uma tentativa de combinar aspectos da teoria kleiniana com elementos da teoria do self.

³⁸ Paula Heimann (1899-1982) fez sua formação junto ao grupo berlinense e em seguida instalou-se em Londres onde trabalhou junto a Melanie Klein. Sua contribuição teórica principal reside na sistematização do pensamento kleiniano acerca dos estágios primitivos do Complexo de Édipo.

³⁹ Susan Isaacs (1885-1948) fez sua formação em filosofia e pedagogia, mantendo durante todo o período de clínica atividade universitária e pedagógica em pré-escolas terapêuticas. Seus trabalhos sobre projeção e sobre arte tem importância significativa na disseminação do kleinismo.

⁴⁰ Wilfried Bion (1897-1979) nascido na Índia tornou-se psiquiatra com uma vasta formação erudita. Analista de Samuel Beckett, amigo de James Joyce, tem sua obra marcada tanto pela pretensão literária quanto pela investigação epistemológica. Sua influência no Brasil, onde esteve diversas vezes, é bastante grande. Sua concepção clínica deriva de Melanie Klein mas acrescenta-lhe uma concepção do pensamento, e de funcionamento da mente, correlativos da transferência que é profundamente original.

marcado pela construção de significações a partir da transferência e por uma concepção particular do simbolismo nas fantasias. Indubitavelmente tais inovações provém da abertura à experiência com crianças, ao tratamento de psicóticos e às experiências psicanalíticas com grupos.

A posição do grupo liderado por Anna Freud e Edward Glover⁴¹ pode-se dizer muito mais ortodoxa e restritiva. A filha de Freud na verdade representava a voz de uma série de imigrantes, com formações e concepções relativamente distintas acerca da psicanálise. Autores que tendem a se unificar em torno da situação hostil que sobrevém após sua chegada a Londres. Anna desenvolve uma teoria baseada nos mecanismos de defesa do eu contra a angústia, amplamente marcada pelo tratamento defensivo da pulsão. Apesar de sua intensa atividade em instituições para crianças, o papel da relação primária com a mãe é reduzido, se comparado ao grupo kleiniano. O problema da realidade atual do complexo de Édipo na criança é encaminhado pela conjugação, no tratamento, de procedimentos pedagógicos e psicanalíticos. O grupo annafreudiano pode ser caracterizado pela sua ênfase na reconstrução da infância e por uma tática interpretativa mais “clássica”, envolvendo a abordagem sistemática da resistência. O trabalho central ocorre em torno da defesa e da gradual transformação do eu.

Mas o grupo inglês que mais frutos deixou para a psicanálise é o dos chamados Independentes (*middle group*). Menos forçado ao fechamento doutrinário e mais próximo do espírito de tolerância e assimilação de novas idéias, tal grupo parece se nutrir da longa tradição liberal britânica. Uma das fontes de influência para o trabalho dos Independentes pode ser encontrada no movimento estético e ético conhecido como grupo de Bloomsbury. Formado por intelectuais e literatos, como Virginia Woolf, tal grupo valorizava a natureza, a espontaneidade e a contemplação estética, tanto como estilo de vida como atitude sexual. Em contato com vanguardas estéticas, com tons românticos, e propenso ao experimentalismo, vemos surgir aqui a idéia de que a psicanálise deveria propiciar ao indivíduo uma nova forma de vida mais autêntica e coerente com sua experiência. Um expoente inicial desta tradição dos Independentes é o

⁴¹ Edward Glover (1888-1972) fez formação em Berlim com Karl Abraham. Tornando-se chefe de escola em Londres, liderou uma oposição tanto aos annafreudianos quanto aos kleinianos. Principalmente após a aliança com sua paciente, Melitta Schimberg, filha de Melanie Klein, Glover lança-se em uma atividade crítica em relação à fragmentação da psicanálise. Personagem cáustico e contraditório ataca a presença da psicanálise em hospitais e instituições, mas vem a trabalhar nestes, ataca a burocratização da formação, mas destaca-se por sua pesquisa sobre os invariantes da técnica psicanalítica.

casal Strachey. O interesse pelas experiências com grupos (Balint⁴²), o trabalho com as neuroses traumáticas, com a privação e desorganização familiar produzidas pela guerra são exemplos desta afinidade com uma dimensão da experiência humana refratária ao enquadramento psicopatológico tradicional. Daí se depreende uma atitude criativa e de suspeita em relação ao *setting* clássico e ao escopo clínico tradicional da psicanálise. Em Winnicott⁴³ e Masud Khan encontramos esta tentativa de colocar o sofrimento psíquico, e a loucura como condição mais ampla de sua expressão, em lugar privilegiado frente as condições necessárias para abordá-lo. Ou seja, o *setting* deve se submeter às condições do sofrimento do sujeito e não o contrário. Muitos mantêm uma preocupação comunitária, expressa pelo engajamento em programas de políticas públicas e de esclarecimento à população. A primazia da clínica se observa ainda em uma teorização original, com a formulação de inúmeros novos conceitos: objeto transicional, trauma acumulativo, apego, *self*. Tanto a importância das primeiras relações, quanto o problema da gênese do eu parecem estar representados nas preocupações desta vertente.

Constatamos que nas três vertentes do freudismo inglês, o Kleinismo, o Annafreudismo e os Independentes, combinam-se uma atitude associativa de relativa tolerância, visto que os três grupos jamais deixaram de pertencer à mesma instituição, com uma abertura para novas formas de apresentação do sofrimento psíquico representadas pelas vicissitudes da vida infantil, pelos quadros limítrofes entre psicose e neurose e pela atenção aos efeitos da turbulência social (neuroses de guerra, desintegração familiar e tratamento em instituições).

Vimos que a psicanálise no pós-guerra passa por uma reformulação, baseada no problema da assimilação e da legitimação no ambiente anglo-saxônico. Há uma terceira estratégia presente na difusão cultural da psicanálise que se mostra de forma mais nítida no caso da França: a refundação. Ao contrário das escolas anteriormente examinadas,

⁴² Michael Balint (1896-1970) nasceu na Hungria e fez formação em Berlim. É conhecido pelos Grupo balint, que consiste em uma técnica para troca de experiências entre profissionais e relatos de casos, geralmente de uma instituição hospitalar, que se dedica ao tratamento psicanalítico. Propôs a noção de falha básica, espécie de irrealização de um aspecto da relação amorosa primitiva, de onde provém a ternura, e que tem conseqüências para a formação de uma terceira área da experiência ligada à criatividade.

⁴³ Donald W. Winnicott (1896-1971) dedicou-se extensivamente ao trabalho pediátrico e psicanalítico com crianças. Desenvolveu o conceito de *self* bem como uma teoria da transicionalidade como alternativa à teoria clássica das relações de objeto. Sua obra está marcada pela criatividade e pela abordagem de condições clínicas não estritamente neuróticas. Dotado de grande sensibilidade clínica propôs inúmeras inovações terapêuticas a partir da importância do brincar e de sua experiência com casos difíceis.

onde a psicanálise desde cedo se via diante do choque entre gerações, da controvérsia de tradições e da oposição entre grupos militantes, no caso da França o desenvolvimento da psicanálise é tardio. Isso muito se deve ao relativo sucesso de uma concepção psicológica concorrente cujo autor de referência é Pierre Janet⁴⁴. A isso deve se acrescentar a histórica resistência cultural francesa às idéias germânicas, o que se verifica igualmente no terreno da sociologia e da filosofia desta época.

É, portanto, no contexto de uma espécie de refundação da psicanálise que se pode entender a aparição de Jacques Lacan⁴⁵. Herdeiro da tradição clínico psiquiátrica francesa, freqüentador das rodas surrealistas e literárias de vanguarda, leitor de Hegel e Heidegger, Lacan levou, desde o princípio, a psicanálise a uma forte interlocução com a ciência e a arte de sua época. É neste espírito que mais tarde ele será associado ao estruturalismo, de Saussure a Lévi-Strauss⁴⁶ e á efervescência cultural e intelectual do pós-guerra francês.

No plano clínico Lacan mostrou-se um crítico renitente ao espírito de conformação e de adaptação vigente em parte da psicanálise. As reformulações do tratamento, por exemplo, sessões de tempo variável em periodicidade não convencional, são propostas no quadro de uma desburocratização da experiência psicanalítica e resgate de sua radicalidade. Assim como Melanie Klein, Lacan procurava legitimar sua nova concepção de inconsciente nos próprios conceitos freudianos e não apenas apresentá-los como inovações necessárias. Desta maneira, esboça-se um programa de investigação que procura trazer para a psicanálise um conjunto extenso de temas do pensamento ocidental. O problema do sujeito, a questão da ética, a estrutura social e simbólica da experiência humana, a problemática histórica do amor e do desejo, tornavam-se assim fontes para a redescrição dialética e lingüística dos conceitos psicanalíticos. A crítica a

⁴⁴ Pierre Janet (1859-1947) foi aluno de Charcot e contemporâneo de Freud. Também dedicou-se ao estudo da histeria segundo princípios estritos do método clínico, mas em oposição à hipótese de uma etiologia sexual da neurose. Crítico da psicanálise formulou o conceito de subconsciente e de automatismo mental para explicar os sintomas neuróticos. (conferir capítulo 3.5).

⁴⁵ Jacques Lacan (1901-1981) desenvolveu seus primeiros estudos em torno da paranóia. A maior parte de seu ensino ocorreu de forma oral (os Seminários) envolvendo um amplo programa de releitura dos textos freudianos em contanto com a filosofia, a lógica e a lingüística. Trabalhou extensamente sobre a metapsicologia freudiana procurando formular um sistema de pensamento, um novo modelo de formação de analistas e retomar o caráter original da experiência psicanalítica.

⁴⁶ O estruturalismo incluí um vasto conjunto de concepções em ciências humanas que disseminaram o método de apreensão da linguagem proposto por Saussure para a análise de diversos sistemas, tal qual o parentesco, os sistemas religiosos em antropologia e as formas do conto e do romance em literatura. O estruturalismo coloca-se como um anti-historicismo e como um anti-funcionalismo entendendo genericamente a atividade humana como um conjunto de relações que se determinam segundo propriedades similares à que encontramos na linguagem.

uma concepção mentalista e pouco rigorosa de inconsciente conduz a uma releitura do inconsciente pensado agora em estrutura de linguagem. A crítica à psicanálise centrada no eu levou Lacan a propor uma nova concepção de sujeito. A crítica ao biologismo traduz-se em uma reformulação da concepção de pulsão e de sexualidade. Delineia-se assim um novo entendimento da experiência psicanalítica em sua dimensão simbólica, imaginária e real. Enfim, ao contrário, da política de fechamento a que uma ampla reformulação facilmente conduz, Lacan permanece fiel e atento às principais movimentações teóricas da psicanálise que lhe é contemporânea.

No plano institucional a trajetória de Lacan é cercada de controvérsias. Analista didata e diretor da Sociedade de Psicanálise de Paris, ele toma inicialmente partido da análise leiga. Isso redundou em uma primeira cisão no movimento francês, na qual Lacan, ao lado de Françoise Dolto⁴⁷ e Daniel Lagache⁴⁸ vêm-se excluídos da IPA - Associação Psicanalítica Internacional. Ao contrário de outras cisões onde o grupo minoritário acabava absorvido e implantado em outras disciplinas ou saberes constituídos, no caso francês este grupo minoritário torna-se gradualmente hegemônico. Em 1953 tal grupo contava com figuras expoentes como Laplanche⁴⁹, Jean Pontalis, Leclaire⁵⁰ e o casal Mannoni⁵¹. Boa parte desta repercussão deve-se ao espírito dos seminários e apresentações clínicas de Lacan, públicos e abertos, com uma audiência

⁴⁷ Françoise Dolto (1908-1988) trabalhou inicialmente como pediatra e educadora desenvolvendo uma forma própria de escutar crianças. Católica convicta lutou durante toda a vida pela “causa das crianças” tanto no quadro das inúmeras instituições e dispensários públicos para os quais contribuiu quanto em programas de rádio e televisão. Sua técnica heterodoxa e sua inventividade tornaram-se sinônimo de excelência clínica. Seus trabalhos sobre a imagem corporal e seu papel na constituição do eu legaram-lhe um lugar importante também como teórica.

⁴⁸ Daniel Lagache (1903-1972) formou-se entre os reformadores da psiquiatria francesa, acompanhando de perto a gradual incorporação da psicanálise. Professor universitário buscou a integração da psicologia clínica em torno da noção de personalidade. Conhecido por seus estudos de sistematização de conceitos e por seu projeto de unificação prática e teórica da psicanálise com a psicologia foi criticado tanto por filósofos como Canguilhem e Althusser, quanto por psicanalistas como Lacan.

⁴⁹ Jean Laplanche fez seus estudos em letras dedicando-se, em seguida à psicanálise. Elaborou junto com Jean Pontalis o amplamente difundido Vocabulário de Psicanálise. Como professor e pesquisador tem se dedicado à formulação de uma concepção clínica original com especial rigor metapsicológico.

⁵⁰ Serge Leclaire (1924-1994) ao lado de François Perrier e Wladimir Granoff toma parte na primeira geração de psicanalistas formados por Lacan. Sua autonomia de pensamento e grande sagacidade clínica permitiram-lhe apresentar, em diversos momentos, o modelo da prática lacaniana que faltava nos escritos de Lacan, principalmente em seu livro *Psicanalisar*. Dedicou-se à tentativa de integração do movimento francês e de reaproximação deste com relação à IPA.

⁵¹ Octave Mannoni (1899-1989) trabalhou muitos anos na ilha de Madagascar como professor de filosofia, nascendo daí a inspiração para vários trabalhos sobre o tema da colonização. Estudou as relações entre psicanálise e literatura tendo publicado uma biografia de Freud.

Maud Mannoni dirige a muitos anos uma instituição para tratamento de crianças com dificuldades gerais de desenvolvimento. Como projeto que combina a dimensão clínica e pedagógica tem se colocado como

que ia de rabinos e teólogos à marxistas e feministas, passando por críticos literários, eruditos das ciências humanas e clínicos em geral. A exclusão política permitia e contribuía assim para o projeto de refundação da psicanálise em um ambiente intelectual no qual vimos a psicanálise tantas vezes progredir.

A partir de 1966, dois anos após a exclusão definitiva da IPA, há uma nova cisão no movimento psicanalítico francês. Os problemas relativos à legitimidade começam a assediar a tradição lacaniana de modo curiosamente similar ao que verificou no freudismo dos anos 1930. Recusando a figura do analista didata como fonte hierárquica de poder e normalização da investigação psicanalítica, Lacan tinha que se haver com o mesmo problema que dera origem à institucionalização da psicanálise. Três gerações de psicanalistas franceses fortemente inspirados pela sua prática e por seu ensino começam a debater um sistema formal de transmissão e autorização da prática. A mesma difusão cultural associada ao onipresente problema da separação entre psicanálise e psicoterapia bem como a ambigüidade dos critérios de formação, estava novamente colocada. Os conceitos lacanianos circulavam livremente em boa parte da tradição francesa, mesmo no grupo que se mantivera fiel ao universo anglo-saxônico. Como efeito desta dispersão surgia o lacanismo. Com ele reencontramos as soluções legitimistas, a assimilação eclética e o fechamento dogmático.

Fato é que a expansão destes três grupos majoritários na psicanálise do pós-guerra, o americano, o inglês e o francês acaba por dar contornos a uma nova problemática a partir dos anos 1970. Tradições distintas em suas origens, opostas em suas concepções formativas e antagônicas em termos teórico-clínicos acabaram por conviver em países distantes e expostos a outras configurações culturais. Por exemplo, a forte expansão do lacanismo na América Latina, principalmente no México, Argentina e Brasil, associa-se à sua posição originariamente contestatória e crítica. A tendência à divisão e ao dogmatismo continuam presentes na herança lacaniana, uma decorrência talvez da sua própria estratégia de constituição. O lacanismo foi bem acolhido nos períodos de opressão política vivida por estes países, como instrumento de resistência cultural. A penetração inicialmente mais intensa das escolas inglesas, nos anos 1960, também pode-se justificar no quadro de uma relativa desconfiança e resistência frente a idéias provenientes dos EUA.

modelo para inúmeras instituições em diversos países. A teorização de Maud Mannoni encontra-se apoiada neste vasto cabedal de experiência acumulada no tratamento da criança.

Nos anos marcados pela guerra fria, a psicanálise nos EUA mostrou-se próspera no controle das Associações Internacionais. Mas paralelamente ao fechamento exigido por esta estratégia a psicanálise neste país tornou-se gradualmente mais distante e menos permeável aos sistemas de saúde pública e ao universo cultural universitário e científico. Isso redundou em uma posição de relativo isolamento frente ao progresso da psicologia científicista e à revolução farmacológica na psiquiatria.

No universo europeu a psicanálise do final do século XX sofreu um relativo refluxo. Sua integração relativamente maior aos sistemas de saúde pública, especialmente na França e na Inglaterra, a boa receptividade que encontrou nos países da antiga cortina de ferro e a sua sobrevivência indireta na tradição universitária das ciências humanas, mantém aberta algumas de suas possibilidades críticas. É sobretudo entre os clínicos que a psicanálise continua a ser uma referência importante, apesar de que, após mais de cem anos, quase não se consiga mais distinguir claramente as fronteiras de sua influência. Em outras palavras, a psicanálise passa a fazer parte da cultura ocidental, em suas mais diversas manifestações, de tal forma que não se pode mais distinguir sua presença apenas como uma disciplina, uma prática ou uma concepção teórica. Ela não chega a constituir uma visão de mundo, mas faz parte indissociável do complexo discursivo que nos permite apreendermo-nos como sujeitos psicológicos. Daí a importância da questão da sua difusão.

Bibliografia Básica

Assoun, P.L. – O Freudismo, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1991.

Bleichmar, N e Bleichmar C. – A Psicanálise depois de Freud, Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

Figueira, S. A. – Efeito Psi – a influência da Psicanálise, Campus, Rio de Janeiro, 1988.

Freud, S. – Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914d), in Sigmund Freud Obras Completas, Amorrortu, Buenos Aires, 1988.

Gay, P. – Freud: uma vida para nosso tempo, Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 1988.

Gellner, E. – O Movimento Psicanalítico, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988.

Perron, R. – História da Psicanálise, Martins Fontes, São Paulo, 1991.

DUNKER, C. I. L. - *Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-Freudiana* In: **História da Psicologia - Rumos e Percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006, v.1, p. 387-412.

Roudinesco, E. e Plon, M. – *Dicionário de Psicanálise*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

Roudinesco, E. – *História da psicanálise na França – a batalha dos cem anos*, 2 V, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988.